



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13238 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

INFÂNCIAS NA NECRÓPOLE: ESPAÇOS CEMITERIAIS COMO LUGAR DE MEMÓRIA QUERUBINA

Isabela Moreira de Araujo Abreu Silveira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES - PROEX

INFÂNCIAS NA NECRÓPOLE: ESPAÇOS CEMITERIAIS COMO LUGAR DE MEMÓRIA QUERUBINA

Resumo: A presente pesquisa une teoria e prática através de estudos bibliográficos, narrativas virtuais e visitas aos espaços cemiteriais, utilizamos como metodologia para esse estudo, análises de alegorias e arquivos dos espaços de mortes infantis. O objetivo dessa pesquisa é possibilitar o leitor um olhar sobre os cemitérios como espaço de educação, cultura e memória, bem como a construção da memória da infância e da criança a partir do espaço sepulcral. O tema central do trabalho reúne os conceitos apresentados pelos historiadores Philippe Ariès e Luiz Vailati com as infâncias encontradas nas quadras 06, 19 e 20 do Cemitério São João Batista, localizado na zona sul do Rio de Janeiro.

Palavras chaves: Crianças, anjinhos, cemitério, memória

RESUMO EXPANDIDO

Segundo o dicionário de língua portuguesa Michaelis (<https://michaelis.uol.com.br/>) a palavra “Cemitério” tem o significado de “1 Terreno destinado à sepultura dos cadáveres humanos; bali, campo-santo, cacuia, chácara do vigário, necrópole”, nesses múltiplos sentidos essa área de sepulturas de objetivo comum a uma cidade, não cabe uma descrição tão simples, quando é rica em fatos sociais e educativos como lápides, dedicatórias, grandes monumentos de mármore, simbologias próprias, identidades em alegorias e até mesmo um dia do calendário brasileiro dedicada aos finados para que a população possa transitar pela necrópole e “cuidar” da nova casa de seus entes queridos. Dessa forma o campo santo, em seus silêncios sepulcrais há de contar seus processos de construções e desconstruções de sentimentos e potencialidades presentes em suas perspectivas.

O que um cemitério tem a ver com arte, educação, memória e infância? Com apenas uma pequena visita a necrópole é possível observar elementos de artes sacras, organizações sociais e representações de comunidades atuais e históricas, pois o cemitério é e está na cidade sendo reflexo da urbe dos vivos.

Um dos maiores cemitérios do Brasil, Cemitério São João Batista localizado no bairro de Botafogo na zona Sul do Rio de Janeiro, inaugurado em 1852, mede aproximadamente 224.845,46m². A necrópole é conhecida como “cemitério das estrelas” já que em seu espaço são encontrados os túmulos e mausoléus de artistas importantes para a cultura do país e até mesmo ex-presidentes da república. Um grande destaque desse campo santo é a Igreja São João Batista, que foi projetada pelo arquiteto Francisco Joaquim Bitencourt da Silva e inaugurada em 24 de junho de 1874 por Dom Pedro II.

Ao transitar pelo São João Batista é possível notar a beleza da arte cemiterial, a história de um povo em mausoléus e as representações de diferentes épocas. No entanto, o que não pode ser observado está além da quadra número dezenove, destinada ao que popularmente é conhecido como “Cemitério dos anjinhos”.

O cemitério dos Anjinhos ganhou destaque no Livro “Rio Secreto” de Thomas Jonglez, Márcio Roiter e Manoel De Almeida e Silva. O espaço cemiterial infantil é retratado através de um pequeno texto com a seguinte frase em realce: “Um dos lugares mais secretos e impressionantes da cidade” (p.11, 2016). Segundo os autores haviam sepultamentos de crianças com idade inferior a sete anos, até meados do ano de 2008. As informações contidas na sessão do livro estão ligadas às palavras: raro, único, emocionante e inquietante. Ao contrário do cenário principal do Cemitério São João Batista com grandes estátuas de mármore e bronze, cultivo de jardins e flores e dedicatórias heroicas, aos “anjinhos” são destinados covas rasas e cruzeiros numerados, que em minha última visita (2021) foram retiradas restando apenas o local de chão macio e húmido.

O cemitério dos anjinhos é uma espécie de “ala” dedicada a crianças, ou seja, a lógica de separar crianças dos adultos em primeiro momento é notada, aos arredores da mesma quadra, onde localiza-se a área dos anjinhos é possível avistar outros túmulos infantis, porém esses contêm alegorias e são de famílias renomadas, algumas crianças ali até mesmo viraram “santas” recebendo homenagens por devotos que alcançaram graças.

As concepções cemiteriais infantis são campos de representações simbólicas, o que para Luiz Vailati (2010) seria a morte infantil, assim como seus ritos, fatos sociais. O Historiador e pesquisador Luiz Lima Vailati, ampliou os estudos da morte infantil do Brasil entre os anos de 1800 e 1900, dessa maneira reúne em sua obra o lugar e o gestual das mortes infantis bem como as ritualísticas e discursos. Para o autor, a morte menina são circunstâncias em esferas profundas como saúde pública, políticas, religiosas e esturrais morais.

O Cemitério São João Batista é referenciado por sua pesquisa quando se trata dos termos “anjo” e “inocente” em alegorias cemiteriais. Vailati descreve a morte na infância como “significados que são fundamentais à caracterização da criança morta enquanto portadora de uma natureza diferenciada dos demais defuntos” (2010, p.49). Essa peculiaridade e “diferença” apontada são singularidades dos sentimentos de infância quando se trata de morte, sepultamento e lembrança cemiterial. As expressões querubinas ainda são utilizadas atualmente quando sinalizada a morte infantil.

Perceber os lugares de morte como performance dos lugares de vida no cotidiano social e interpretar o cemitério como espaço urbano de pesquisa, para compreensão da sociedade em suas nuances e rituais cotidianos relacionados a infância e cultura são necessários para compreender as crianças no espaço cemiterial. Segundo a Geógrafa e pesquisadora Alcimara Aparecida Föetsch (2020), os cemitérios podem promover imagens além do terror e assombro, sendo espaço educacional aberto e possível agente multiplicador de representações. Dessa forma o Cemitério dos anjinhos é mais que uma paisagem esquecida, é um marco social que funciona como um reflexo do modelo da cidade dos vivos.

O cemitério dos anjinhos é um local dentro da metrópole que até meados dos dias atuais expressa uma determinada lógica social referente aos sentimentos de infância. A memória desse cemitério cabe aos lugares, narrativas e relatos. O historiador e pesquisador Pierre Nora (1993), define tais locais como os “lugares de memória”, que não são naturais mas sim socialmente construídos, uma vez que as diversas manifestações humanas propiciam ritualísticas capazes de serem arquivadas e lembradas por gerações futuras. As formas de

registros e catalogações são maneiras de elencar o que a sociedade não deve esquecer, por sua vez, o que julgado não imprescindível lembrar, é descartado e marginalizado. Assim, compreender o local e a paisagem desse Cemitério abre espaço para perceber a infância presente, mesmo com possíveis tentativas de apagamentos. O cemitério também é lugar de memória querubina.

O São João Batista é amplo e contém alegorias, esculturas, imagens e até fotografias de crianças das mais variadas idades, são encontradas esculturas de crianças em idade escolar representadas pelo estudante, ou até mesmo representadas com seus brinquedos cotidianos. Nesse contexto de diversas formas do ser criança no cemitério, há uma imagem sempre repetitiva nas alegorias em todo o espaço, e não somente na Quadra 20, que são os querubins.

Segundo Ariès (1978), em meados do século XIII surgiu o “Anjo”, que era representado por um rapaz jovem, através dessa imagem santificada eram representadas as crianças que eram educadas para ajudarem nas Missas das Igrejas Católicas, já no século XIV esse anjo moço é retratado de maneira arredondada com traços infantis e afeminados, assim não foram atribuídos gênero as imagens, apenas a santidade da criança.

Outro fenômeno relacionado à criança como anjo são os “milagreiros”, crianças que após a morte realizaram algum tipo de obra divina ou milagres. É comum encontrar em seus túmulos lembrancinhas, brinquedos, comidas e até mesmo placas em agradecimento por receberem a realização de seus pedidos. No caso do São João Batista, uma das querubinas milagreiras, é a menina Odetinha, também conhecida como “A santinha do São João Batista”, Odete Vidal Cardoso foi sepultada em 1939 na quadra número seis, e seu processo de beatificação iniciou em 2013, mas em 2021, o Papa reconheceu seus milagres. Seu túmulo situava-se na quadra número seis, por intervenção de seu processo de beatificação, em 2013 seus restos mortais seguiram para a Basílica da Imaculada Conceição, localizada em botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Já na ala dos Anjinhos (quadra 19) a paisagem é composta por vegetação natural, aparentemente não há cuidado humano. A identificação dos anjinhos são resumidas a numerações encontradas nas cruces, no entanto, com a ausência das cruces, não há nomes, nem números, não há nada. Somente a memória de algo que lembrava um cemitério. Os apagamentos e memórias entrecruzam-se no mesmo espaço cemiterial, de um lado crianças milagreiras, do outro a invisibilidade, a verdadeira morte que seria o esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A lembrança, visibilidade e memória da infância podem sofrer em seu processo histórico, o fenômeno do enquadramento, que para Pollak (1989) seriam os lugares e suas disposições éticas sofrendo um fenômeno denominado de “enquadramento da memória”. O ato de enquadrar a memória é limitar o que deve ser lembrado ou considerado artefato, arte ou história, é elencar o que é importante para o coletivo descartando o que aparentemente não há relevância social. É possível observar que, em determinado momento o mesmo espaço cemiterial, desta pesquisa analisado, existem infâncias querubinas com direito a santificação, memórias e alegorias, e infâncias de anjinhos, rodeados pelo esquecimento e a invisibilidade, dessa forma e organização cemiterial, os anjinhos sofrem o fenômeno do enquadramento perante as maneiras de “lembrar e ser lembrado” em relação às demais crianças de quadras renomadas.

As definições de enquadramento contribuem arduamente para o sentimento do que é popularmente relevante como cultura, quando o que deve ser lembrado é ligado com a importância educativa e informativa, como a cerâmica ou grandes construções arqueológicas que são divulgados em livros paradidáticos. Dessa forma são construídas imagens sobre o assunto. Quando se trata de cemitério, as ideias coletivas sobre esse local estão coligadas as perdas, lutos e saudades, porém na atualidade também trazem conotação de turismo, educação e patrimônio.

A infância tratada como objeto histórico ou memorável tem caráter plural e não singular,

sendo possível a abertura para tratar de diversas infâncias, suas trajetórias culturais e distintas. Esta pesquisa propôs uma análise de diferentes infâncias retratadas em um mesmo espaço cemiterial, onde determinado grupo de crianças são consideradas milagreiras e presenteadas com brinquedos e oferendas e o outro grupo fica a margem do cemitério sem tais cuidados e dinâmica social.

A necrópole apresenta inúmeras descrições e categorias da criança enquanto ser social, pois esse espaço arquitetado por adultos tende a refletir a ideia construída do que é a infância na sociedade. Podemos encontrar alegorias de bebês, Anjinhos e até mesmo dedicatórias tumulares com frases “Aqui jaz um inocente”, trazendo os sentimentos de infâncias voltadas para como a sociedade compreende a criança. Assim, as infâncias querubinas se entrecruzam entre espaços de vida e espaços de morte pela cidade, existindo, coexistindo e dessa forma, até após a morte, a memória viva de crianças seja descrita e enquadradas por momentos sociais.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, P. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- FÖETSCH, Alcimara Aparecida. A sacralização da natureza e a simbologia da morte: a Ressignificação da paisagem religiosa nos cemitérios de anjos de São João Maria. Revista Geografar Curitiba, v.14, n.1, p.188-202, jan. a jun./2019
- NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- SILVA, Manoel de Almeida. ROITER, Marcio. JONGLEZ, Thomas. Rio Secreto, Editora Jonglez, 2016
- VAILATI, Luiz Lima. A morte menina. Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos. Editora Alameda. 2010
- Cemitério São João Batista < <https://concessionariariopax.com.br/project/cemiterio-sao-joao-batista/> > acessado em 15/05/2022 16:54